

# Brasília investe na formação de pessoal

por Leandra Peres  
de Brasília

**O** desemprego na capital da República deve agravar-se neste começo de ano. A previsão é do secretário de Trabalho do governo do Distrito Federal, Pedro Celso. "Não vejo perspectiva de melhora se o governo federal mantiver a política de enxugamento de sua máquina administrativa aliada a juros altos e falta de financiamento para os pequenos investidores", afirma.

Pedro Celso disse que ocorreu uma melhora nos índices de emprego a partir de outubro, mas que essa tendência positiva está se esgotando. Segundo seus cálculos, em janeiro a taxa de desemprego na capital deve superar os 15,6% de outubro. Com isso, Brasília voltará a ter mais de 125 mil desempregados.

Para fazer frente ao problema, o governo do Distrito Federal aposta nos resultados de dois programas financiados com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), o Programa de Geração de Emprego e Renda (Proger) e o Programa de Qualificação Profissional.

O Proger abre linhas de crédito, gerenciadas pelo Banco do Brasil, para pequenos empresários. O programa terá recursos de R\$ 12 milhões neste ano e deve ser reaberto em fevereiro com a parceria das associações comerciais.

O Programa de Qualificação Profissional oferecerá cursos técnicos para cerca de 37 mil pessoas em 1996. Os recursos devem chegar, segundo o secretário do Trabalho de Brasília, a R\$ 15 milhões. O objetivo é preencher as 1.100 vagas que o Sistema Nacional de Empregos (Sine) de Brasília deixa ociosas todo mês por falta de profissionais bem formados.

Segundo o presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal, Lourival Novaes Dantas, todos os setores demitiram muito no ano passado. Só a construção civil, um dos setores mais ativos da economia da região, reduziu em 20 mil os postos de trabalho oferecidos. Para o presidente do Sindicato da Indústria e Construção Civil do DF (Sinduscon), Adalberto Valadão, foi a criatividade que salvou as empresas.

A falta de uma política clara de financiamento para o setor é apontada pelo presidente do Sinduscon como uma das principais razões das demissões. "Os recursos do programa de carta de crédito, lançado pelo governo, ainda não tiveram nenhum impacto no mercado brasileiro. Sem recursos, a saída foi demitir", diz.

Outro setor que reclama da política do governo é o gráfico. A diminuição dos gastos do governo em campanhas como vacinação e prevenção à AIDS, que exigem muito material impresso, prejudicou as gráficas do DF, voltadas principalmente ao atendimento do governo federal. Os juros altos também foram motivos para reclamação. "O nosso capital de giro acabou corroído pelo mercado. Esta é a pior crise a nível financeiro pela qual já passamos", diz Antônio Carlos Navarro, presidente da Linha Gráfica Editora.

A folha de pagamento da empresa, que girava em torno de R\$ 70 mil no início de 1995, abriu 1996 em R\$ 40 mil. A média de demissões esteve em 1% ao mês ao longo de todo o ano passado. Os cargos de chefia também foram sensivelmente reduzidos na empresa. "Nós não temos mais como demitir, já enxugamos ao máximo", garante Antônio Navarro. ■